

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA**

**Título: EDUCAÇÃO INFANTIL E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO- os desafios na primeira infância, no contexto
pandêmico.**

**Autores: Orientanda Jéssica dos Santos Haack¹
Orientadora Prof^a Dra. Denise Madeira de Castro e Silva²**

RESUMO:

O presente artigo busca analisar as possibilidades e os limites da utilização das tecnologias na Educação Infantil, durante a pandemia da Covid-19, no município de Gramado/RS, no ano de 2020. Pretende-se, com este estudo, proporcionar reflexões e descrever os desafios encontrados pelos docentes, no referido período, no que diz respeito ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação em meio ao desgaste físico, emocional, mental, bem como a uma jornada de trabalho triplicada. Tem-se por objetivo também mostrar o que é Pedagogia Digital, considerando vários aspectos: se ela pode ser aplicada na Educação Infantil, devido aos atuais estudos quanto ao uso de telas pelas crianças; potencialidades e dificuldades dessa pedagogia; como foram as formas encontradas e se foram utilizadas tecnologias, no sentido de efetivar a manutenção de vínculo entre escola e família, na pandemia. Para tanto, por meio de uma pesquisa qualitativa, feita com professores da rede de ensino, realizou-se um levantamento de informações, o qual permitiu que se percebesse como a Covid-19 afetou a Educação, no município em questão; como ficou o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, nessa época; como estas foram avaliadas e ainda como esses docentes veem o futuro da Educação pós-pandemia.

Palavras-chave: Educação Infantil; Pandemia; Pedagogia Digital; Tecnologias Digitais de

¹ Pós- graduanda em Educação e Cultura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Pedagoga formada pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Atua como Educadora Infantil no Município de Gramado-RS. E-mail: jessica.haack17@yahoo.com.br

² Doutora em educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Coordenadora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação na mesma instituição na Unidade de São Francisco de Paula -RS. E-mail: denise-csilva@uergs.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Durante o ano de 2020, houve uma grande mudança na maneira de ensinar, nas escolas de todas as etapas da Educação básica, no Brasil, com a chegada da pandemia da Covid-19 ao país, a qual gerou o isolamento social. Assim sendo, as escolas foram fechadas como medida protetiva e sanitária, conforme as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Mediante a pandemia, a vida das pessoas se transformou. Esse novo cenário envolveu também a área da Educação como um todo e, conseqüentemente, novas metodologias de trabalho tiveram que ser empregadas e até adaptadas, principalmente, na Educação Infantil, que se configura como um universo de vivências, descobertas e construções de aprendizagem, que ocorrem por meio do protagonismo da criança de forma presencial.

Dentre essas novas metodologias adotadas para a Educação, durante o período pandêmico, foi possível perceber o uso de um novo modelo de pedagogia – a Pedagogia Digital, que utiliza meios tecnológicos para conectar os educadores com os educandos, procurando propiciar a construção e a troca de saberes e aprendizagens. Dessa forma, analisando o contexto da Educação Infantil, que se baseia na troca de experiências e na convivência social, de modo presencial, surgiu um questionamento pertinente: como é possível promover um aprendizado significativo e auxiliar os educandos nas suas descobertas e no seu desenvolvimento, a distância, por meio do uso de tecnologias?

Levando essa indagação em conta, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar as possibilidades e os limites da utilização de novas tecnologias na Educação Infantil, frente à pandemia da Covid-19. Para alcançar esse propósito, aplicou-se uma pesquisa qualitativa exploratória que, segundo Machado (2021), trata-se de um tipo de pesquisa que procura examinar evidências em informações verbais e visuais, sendo que os seus resultados surgem através de dados coletados, de forma sistêmica, por meio de entrevistas, anotações de campo e análises documentais. Para realizar a pesquisa deste trabalho acadêmico, houve a utilização de um formulário *on-line* com perguntas objetivas e dissertativas, o qual foi criado na plataforma digital Google Forms e enviado a todos os docentes, que atuavam em escolas de Educação Infantil da rede municipal de Gramado/RS, atendendo crianças de zero a cinco anos de idade. Além disso, foram lidos vários materiais referentes à temática em estudo (artigos, manuais e documentos pedagógicos).

Este artigo está organizado em seções, incluindo esta introdução, além do referencial teórico e metodológico, que embasam todo o processo de pesquisa. Nas análises e discussões dos dados, faz-se uma explanação que trata sobre alguns tópicos importantes: como ocorreu o trabalho na Educação Infantil, durante o primeiro ano de pandemia; os desafios encontrados pelos docentes, bem como suas “construções”; como utilizaram as tecnologias para concretizar as propostas domiciliares remotas e ainda como veem a Educação pós-pandemia.

Para finalizar, apresentam-se as considerações finais, que contêm reflexões relevantes a respeito de todos os dados coletados na pesquisa, os quais podem trazer respostas quanto à possibilidade do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), na Educação Infantil.

2 METODOLOGIA E INÍCIO DA ANÁLISE DOS DADOS.

De acordo com essa perspectiva, este trabalho procura retratar a realidade ocorrida no ano de 2020, com a presença da Covid-19, discorrendo sobre como foi o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, na Educação Infantil, assim como a respeito dos desafios que surgiram no decorrer da utilização dessas ferramentas. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Conforme Gil (2017), esse tipo de pesquisa procura entender um fenômeno pouco explorado – com um planejamento mais flexível, observando e compreendendo os mais variados aspectos sobre o que será estudado; apresenta característica qualitativa; pode ser realizada por meio de pesquisa com grupos multifocais.

Neste estudo, contou-se com um formulário Google Forms, que foi criado e enviado a Educadores Infantis – que trabalhavam na rede educacional pública do município de Gramado, em 2020 – como forma de obter respostas, visões e opiniões sobre os seguintes tópicos: como foi trabalhar durante o primeiro ano de pandemia, como procederam as construções de materiais e a utilização de tecnologias, além das incertezas que o futuro reserva em relação a uma Educação pós-pandêmica.

Esta pesquisa não se deterá aos dados ou números por si só, ou seja, a análise dos dados obtidos vai considerar e interpretar as informações, buscando compreender o que eles revelam e manifestam em relação aos aspectos em estudo.

O formulário Google foi escolhido para ser utilizado, devido ao fato de que o mesmo já vinha sendo aplicado pela Secretaria de Educação de Gramado, sempre que o referido órgão precisava coletar informações da comunidade escolar, em tempos de pandemia. Cabe ressaltar que esse recurso digital usado é um exemplo claro de como a pandemia proporcionou aos docentes a

necessidade de conhecer e empregar diferentes recursos tecnológicos, mostrando como os mesmos podem ser de grande auxílio, quando bem explorados.

O questionário utilizado, para fornecer informações para esta pesquisa, foi elaborado com duas partes distintas: uma contendo os dados pessoais do entrevistado e outra com perguntas objetivas e dissertativas. Destaca-se que a identidade das fontes foi preservada, portanto, seus nomes e os nomes das instituições de ensino, na qual trabalhavam, não foram divulgados.

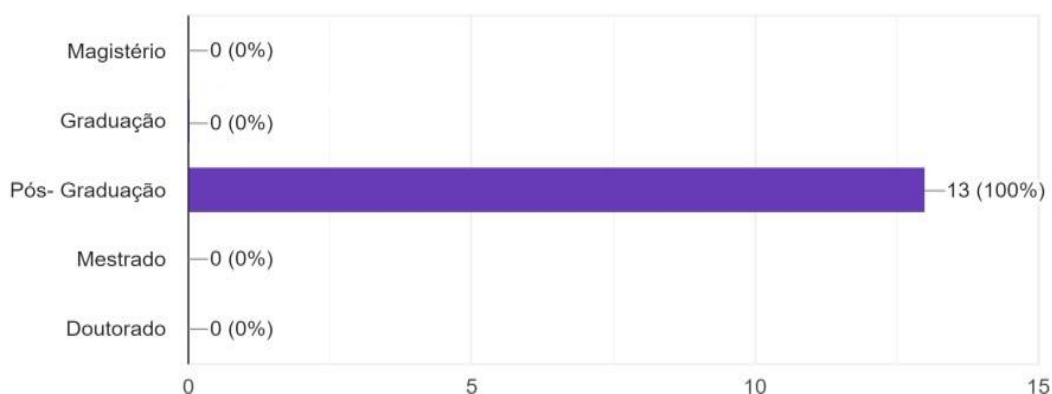
As perguntas foram pensadas como uma forma de obter respostas que evidenciassem como foram desenvolvidos os trabalhos dos educadores infantis, durante o primeiro ano de pandemia (2020), em meio ao isolamento social, enquanto docentes com suas demandas. As questões abordaram os seguintes assuntos: como foi o relacionamento e a manutenção de vínculo entre escola e família; quais os meios utilizados para promover a efetivação e o fortalecimento desse vínculo; como os alunos foram avaliados; como foi o processo de aprendizagens; e ainda descobrir quais foram as tecnologias utilizadas nesse período. Além disso, também se obteve explicações a respeito do planejamento das atividades, das formas pensadas para dar aulas para a Educação Infantil de modo remoto e dos materiais utilizados pelos educadores.

Ao todo, foram enviados 20 questionários, entretanto, obteve-se o retorno de 13 educadoras, as quais atuam em 6 escolas, localizadas em zonas diferentes do município. Esses instrumentos possibilitaram levantar as seguintes informações, referentes aos dados pessoais:

Gráfico 1: Formação acadêmica dos docentes entrevistados.

Formação Acadêmica :

13 respostas



Fonte: Produzido pela autora desta pesquisa.

Quanto à formação acadêmica, verificou-se que as treze entrevistadas possuem Pós-

Graduação.

13 respostas

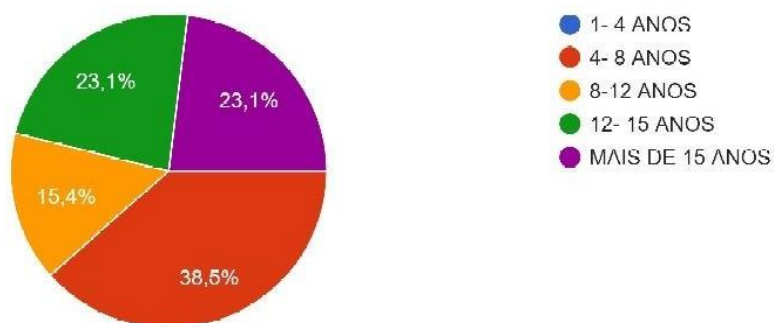


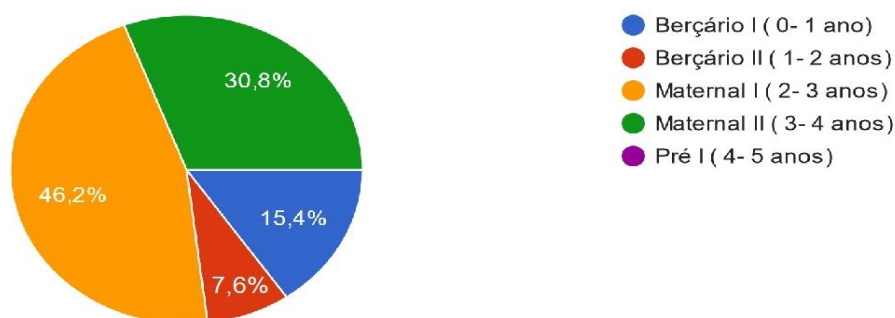
Gráfico 2: Tempo de atuação no município.

Fonte: Produzido pela autora desta pesquisa.

No que se refere ao tempo de trabalho, na rede municipal de Gramado, constatou-se que a maior parte (38,5%) tem de 4 a 8 anos de atuação; seguido de outro grupo, com 23,1%, que já tem mais de 15 anos, lecionando nesse nível de ensino. Um dado importante, é que nenhuma entrevistada tem menos de 4 anos na rede municipal, uma vez que o item “1 a 4 anos” foi zerado. Isso significa que as informantes possuem conhecimento e vivências de como era o processo educativo, antes e durante a pandemia; podendo, assim, fazer comparativos.

Gráfico 3: Turmas/faixas etárias em que atuam.

13 respostas



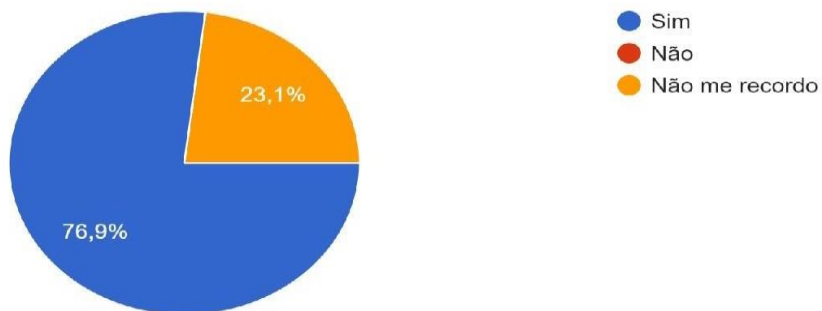
Fonte: Produzido pela autora desta pesquisa.

Depreendeu-se das informações do gráfico, que uma parte expressiva (46,2%) das educadoras lecionava no Maternal I, que corresponde à idade de 2 a 3 anos. Em seguida, aparece o

grupo que atuava no Maternal II (crianças de 3 a 4 anos), com 30,8%. Notou-se que os dois grupos juntos totalizam 77% das entrevistadas, que é um percentual significativo. Esse resultado chama a atenção para o fato de que a maioria das informantes atendia crianças que já se comunicavam verbalmente, o que pode fazer muita diferença no que se refere ao ensino remoto.

Gráfico 4: Conhecimento sobre o termo “Pedagogia Digital”.

13 respostas

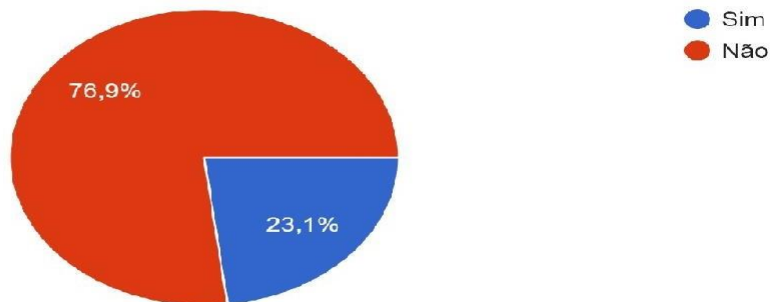


Fonte: Produzido pela autora desta pesquisa.

Observou-se que a maioria das educadoras infantis sabe o que é “Pedagogia Digital”. Considera-se que essa informação é coerente, na medida em que o período da pandemia fez com que muitos profissionais da Educação buscassem informação digital por conta própria, no intuito de dominarem melhor as ferramentas tecnológicas.

Gráfico 5: Formação sobre Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, fornecida pela Secretaria Municipal de Educação (SME), durante a Covid-19.

13 respostas

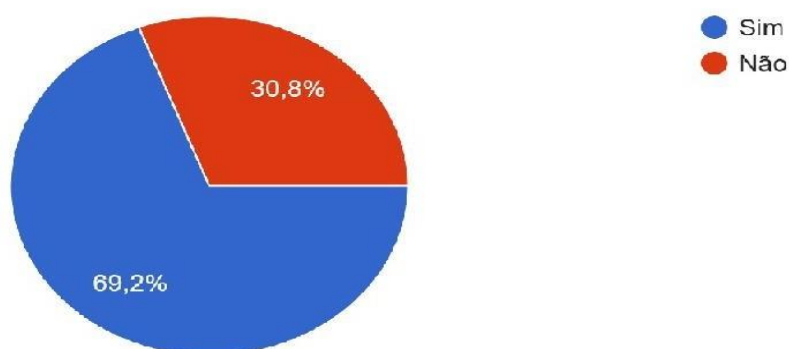


Fonte: Produzido pela autora desta pesquisa.

Verificou-se que um número expressivo de entrevistadas (76,9%) respondeu à questão de forma correta, pois a Secretaria Municipal de Educação de Gramado não promoveu nenhum curso formal nessa área. Isso, muito provavelmente, ocorreu devido ao isolamento social, exigido pelas circunstâncias da pandemia. No entanto, as formações poderiam ter sido organizadas e oferecidas de modo *on-line*.

Gráfico 6: Construção coletiva ou reuniões entre os educadores e a Secretaria Municipal de Educação para discutir como procederiam nos trabalhos, na Educação Infantil, durante a pandemia.

13 respostas



Fonte: Produzido pela autora desta pesquisa.

Mais uma vez, constatou-se que grande parte das informantes (69,2%) respondeu corretamente, porque a SME promoveu vários encontros, com o intuito de que as educadoras infantis pudessem trocar ideias e informações a respeito de todas as etapas: que tipo de atividades seriam enviadas, como seriam enviadas e, posteriormente, avaliadas. Outra questão discutida foi referente aos procedimentos a fim de manter um diálogo permanente com as famílias.

Mediante os dados obtidos, observou-se que as escolas de Educação Infantil, nas quais as educadoras entrevistadas atuam, atendem públicos diversos e possuem realidades diferentes – desde os mais favorecidos até os que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Além das entrevistas também foi realizado um levantamento de análise documental e de referências teóricas de materiais já publicados, como livros, artigos, revistas eletrônicas, bem como documentos nacionais, de cunho pedagógico, como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) e documentos municipais, como o Documento Orientador do Território de Gramado – DOTG (GRAMADO, 2019).

Vale destacar que, no ano de 2020, a SME sugeriu para os educadores infantis, que fossem utilizadas algumas abordagens educacionais diferenciadas, como, por exemplo, adaptações da Abordagem de Reggio Emilia, a qual foi criada na Itália, pelo Professor Loris Malaguzzi, no século passado.

Assim sendo, na próxima sessão, faz-se uma breve explicação a respeito do pensamento pedagógico da Abordagem de Reggio Emilia. Também se discorrerá sobre o que é “Pedagogia Digital” e alguns aspectos relacionados à BNCC, no intuito de embasar este trabalho de forma teórica. É pertinente mencionar ainda que, nas sessões 4, 5 e 6, será feita a continuidade da análise dos dados.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Inicia-se este referencial, fazendo uma apresentação da Abordagem de Reggio Emilia, a qual procura focar suas práticas no protagonismo da criança, por meio da sua interação com adultos, outras crianças e o ambiente; promovendo, dessa maneira, o seu conhecimento, o desenvolvimento de habilidades e, por consequência, a sua aprendizagem. Essa abordagem, como já mencionado, foi idealizada pelo educador Loris Malaguzzi, que em seu poema “As Cem Linguagens da Criança”, destaca a maravilha que é ser criança e o seu potencial, levando à compreensão de que existem muitas maneiras de aprender e ensinar: “A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar. Cem sempre, cem modos de escutar, de maravilhar e de amar”. (MALAGUZZY, 1999, p. 5).

A perspectiva reginiana traz consigo a valorização do brincar heurístico, ou seja, o brincar com elementos não estruturados, que venham da natureza; que permitam à criança explorar, construir e ampliar o seu repertório de jogos e brincadeiras, utilizando a sua imaginação. Brinquedos que não sejam prontos, como os de plástico, por exemplo.

É importante ressaltar que essa proposta parte do interesse prévio da criança, do seu protagonismo ao escolher o que deseja aprender e descobrir, cabendo ao adulto observar, mediar e auxiliar a criança no seu processo de aprendizado. Nesse contexto, a interação social e a observação são de extrema importância para avaliar o aprendizado infantil, portanto, o adulto precisa acompanhar, atentamente, toda a construção do saber da criança, suas formas de interação com os outros e com o meio em que está inserida, procurando instigá-la, fazendo-lhe perguntas, para que ela mesma reflita sobre suas descobertas e aprendizagens. Dessa forma, existe uma troca de saberes entre o adulto e o protagonista, que propicia ao docente reflexões a respeito do seu olhar e do seu papel em relação ao seu ato pedagógico.

As concepções de Reggio influenciaram as propostas contidas na BNCC (BRASIL, 2017). Isso pode ser percebido na forma como esse documento considera a criança: como um sujeito protagonista de todo o processo educacional e pedagógico de aprendizado, que precisa ter vivências por meio de explorações e construções individuais, coletivas, ambientais, bem como oportunidades para se expressarem, utilizando a linguagem oral ou artística. Para que isso ocorra, na prática, é necessário proporcionar experiências diversas, as quais podem acontecer no simples ato de brincar.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BNCC, 2017, p. 37)

A BNCC e a Abordagem de Reggio podem servir de base para o trabalho pedagógico docente, sendo que ambas propiciam ao educador reflexões sobre suas práticas e seu papel, enquanto mediador, no processo educativo da criança. Segundo a BNCC:

[...] é preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de cada criança e de todo o grupo – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens. Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos, tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado, sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças “aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças. (BNCC, 2017, p. 39).

Compreende-se que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) se configuram como recursos e ferramentas eficientes que, se bem utilizadas, são capazes de propiciar essa reorganização de tempos, espaços e situações, sobretudo no momento pandêmico. Afinal, as gerações atuais estão cada vez mais imersas na tecnologia, então, a área da Educação também deve evoluir e fazer uso dessas ferramentas, como forma de se aproximar mais da realidade cotidiana dos educandos e de suas famílias. Os docentes, por sua vez, também precisam se instrumentalizar, procurando aprender mais sobre as tecnologias disponíveis. Essa postura transforma o ato pedagógico e dá mais sentido ao processo de ensino-aprendizagem.

Sabe-se que o uso das tecnologias, no campo da Educação, ajuda não só na troca de conhecimentos, como também na agilidade, no que se refere ao acesso à informação. Por isso, hoje, pode-se afirmar que os recursos tecnológicos são fundamentais para a realização de um trabalho pedagógico transformador, eficaz e de qualidade. A utilização adequada e estratégica desses

recursos contribui de modo significativo, na formação do ser humano, perpassando todas as fases da vida do indivíduo – desde a primeira infância até à fase adulta.

Dando continuidade a este referencial teórico, considera-se importante explicar que a palavra “pedagogia” tem origem grega e vem da junção de duas palavras “paidos” (da criança) e “agein” (conduzir). De forma bem simples, pode-se compreender a pedagogia como um conjunto de práticas e métodos adotado, no intuito de conduzir a criança, promovendo o seu desenvolvimento. Todavia, embora a origem dessa palavra remeta para o público escolar, essa ciência pode ser desenvolvida não só nas instituições educacionais e nos meios acadêmicos, mas também em empresas, hospitais, entre outros. Esta pesquisa, no entanto, focará o ambiente educacional, com destaque para a Educação Infantil.

Antigamente, para ensinar, o professor/educador passava todo o seu conhecimento ao educando. Os estudantes, por sua vez, absorviam e decoravam tudo o que recebiam, de forma passiva, como se fossem cópias de seus professores.

Nos tempos atuais, percebe-se que, no espaço escolar, já predomina uma pedagogia “mais dinâmica”: há mais interação entre o educando e o docente; existem momentos para as discussões e para as trocas de saberes e experiências... Isso torna a aprendizagem muito mais eficiente e significativa.

Nesse novo cenário, a tecnologia avança e evolui a cada dia. As informações atualizadas podem ser acessadas em milésimos de segundos, em qualquer lugar do mundo. Com uma rede conectada por fios invisíveis e a utilização de aparatos tecnológicos (celulares, computadores, *notebooks*, *tablets*, televisão, aplicativos...) é possível conversar com pessoas de diferentes locais sem sair de casa. E é claro que os espaços escolares, na sua grande maioria, também vêm procurando se modernizar, renovando o modo de ensinar e de aprender, bem como fazendo uso das tecnologias. Essas iniciativas estão inseridas na chamada “Pedagogia Digital” que, de acordo com APARICI (2009), é uma forma de promover o ensino-aprendizagem por meio da utilização de TDICs, o que acaba criando espaços para que se efetivem as trocas de conhecimento entre o educador e o educando. Ressalta-se que esse processo interativo pode ocorrer tanto no ambiente escolar, no formato presencial; como na modalidade a distância, de modo remoto.

Conforme APARICI, alguns conceitos e palavras-chave são essenciais dentro do “universo” da Pedagogia Digital, tais como:

- 1- Teoria da Comunicação Digital: é necessário um novo modelo de comunicação em todo o mundo, com o acesso à tecnologia portátil como dos *smartphones*, permitindo acesso real à tecnologia a toda a população.
- 2- Teoria Curricular: a interatividade é um complexo mapa de relações entre conteúdos e usuários, do qual estes possam participar. Esse currículo deve ser dinâmico e que se possa adaptar às necessidades individuais e sociais dos alunos.
- 3- Ambiente de Aprendizagem: que seja de cooperação e que todos os membros

participem das investigações, decisões e criação de novos conhecimentos, sendo isso tudo necessário para um processo dialógico entre o social e o individual.

4- Criação de uma Narrativa Digital: no *ciberespaço*, não existe a concepção de tempo e lugar, por isso é impossível o estudante escolher a sua própria rota de acordo com seu interesse, tendo uma estrutura aberta – “todos podendo aprender com todos”, de uma maneira específica e diferente.

5- Transformar o “modelo de professor” em um “modelo mediador” no processo de ensino-aprendizagem: o professor mediador reduzirá a divisão de mundos entre o emissor (professor) e receptor (aluno), não sendo uma autoridade com o saber absoluto, realizando somente transmissão de conhecimento e fazendo de seus alunos meras cópias, mas, sim, o professor tornando-se outro aprendiz nesse processo.

6- Desenrolar a ideia de autor e coautor na comunidade de aprendizagem VERSUS a utilização de pacotes que permitem introduzir modificações, adicionar informações e criar novas situações de aprendizagem: na Pedagogia Digital, o estudante está convidado a ser um autor com o mesmo prestígio e autoridade que um mediador.

7- Autonomia e democracia para a construção do ensino: quase todas as plataformas virtuais de ensino se identificam com os usuários, localizam, dizem e geram informes sobre os estudantes, onde cada um estava, quantidade de tempo... São sistemas de controle e vigilância invisíveis, que contribuem com um moderno pan-óptico (um termo utilizado para designar uma penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham, em 1785, que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados).

8- Inclusão Social e Acessibilidade: na era digital, a base fundamental da economia é a informação, por isso é necessário que essa informação chegue a todos; permitindo, assim, a inclusão social, sendo que é preciso falar dessa inclusão a partir de um processo de alfabetização, nos termos de Freire e com a possibilidade de acesso à *Internet* pelo celular.

9- Flexibilidade do sistema: a Pedagogia Digital não tem somente lugar nas aulas virtuais, mas também de impregnar as instituições de ensino e suas relações com a comunidade. (APARICI, 2009, p. 91).

A Pedagogia Digital ganhou mais espaço no Ensino Superior, em Graduações e Pós-Graduações, na modalidade EAD (Ensino a Distância). Nessa modalidade, as universidades criaram plataformas para viabilizar o acesso dos alunos, através da *Internet*, aplicativos, aulas ao vivo ou gravadas – que, posteriormente, são disponibilizadas em plataformas digitais.

Mas será que essa pedagogia pode ser aplicada em outros níveis da Educação? Como, por exemplo, na Educação Infantil? Qual será o nível de conhecimento e de prática que os profissionais atuantes, na primeira etapa da Educação básica, precisam ter para conseguirem inserir, nas suas aulas, a Pedagogia Digital? Essas são algumas das questões que ainda serão abordadas no decorrer deste artigo.

Outro aspecto importante para pensar e discutir, refere-se à relação dos docentes e das crianças com os recursos tecnológicos, no ensino remoto. Sabe-se que muitos educadores sentiram várias dificuldades no período pandêmico: problemas quanto às aprendizagens e à produtividade das crianças; falta de treinamento por parte dos professores; obstáculos para estabelecer e manter vivo o vínculo entre escola e comunidade, visto que as realidades sociais e econômicas são diferentes; como avaliar as crianças, considerando esse panorama diferenciado.

Os autores Silva, Neto e Santos (2020) revelam que muitos professores, durante a pandemia, tiveram que se adaptar a essa nova realidade, de forma emergencial, recorrendo às tecnologias e aos

treinamentos. Tudo isso também despertou muitas reflexões sobre a aprendizagem dos alunos e acabou demonstrando, em alguns casos, a precarização do trabalho docente.

Sobre a Educação Infantil e seus atores principais, que são as crianças, e o uso de tecnologias com esse público, entende-se que é necessário ter cuidado, pois da mesma forma que a tecnologia pode ajudar, no atual momento pandêmico; em contrapartida, também pode haver o ônus da má e exagerada utilização dos recursos tecnológicos, pelos indivíduos da primeira infância. Nunes e França (2018) relatam os resultados de pesquisas sobre a utilização de tecnologias na Educação Infantil, as quais apontam que por intermédio das tecnologias as crianças têm a oportunidade de despertar seus sentidos, porém, por outro lado, é fundamental estabelecer limites em relação a esse contato. Além do mais, é importante desenvolver a consciência crítica dos alunos quanto ao uso das tecnologias, tanto nos ambientes escolares como na vida em família, no dia a dia.

Percebe-se também que existe, muitas vezes, uma falta de recursos tecnológicos, no sistema público de Educação, o que se configura como um grande obstáculo, no que diz respeito à utilização de tecnologias na sala de aula, na Educação Infantil, de modo inclusivo e eficaz. Nesse sentido, os autores Lopes *et al.* (2011) mencionam o seguinte:

O sistema educacional, principalmente quando se fala da rede municipal de ensino – que é o âmbito da Educação Infantil – está distante de fazer valer a inserção tecnológica no processo de ensino-aprendizagem, quando a preocupação ainda é com os conteúdos tradicionais impostos pelo próprio sistema governamental. (LOPES *et al.*, 2011, p. 181).

Gonçalves e Filho (2021, p. 8), em seu livro, analisam as tecnologias e como elas podem ser aplicadas na Educação. Segundo esses autores, são muitos os desafios encontrados no uso das TDICs, para complementar de forma mais eficaz a utilização das ferramentas tecnológicas na Educação, contudo, elas exercem uma função formadora da realidade social, uma vez que são elementos facilitadores no processo de adaptação da criança à realidade e suas mudanças.

Sobre essa temática, outra referência de suma importância é o “Manual de Orientação #MENOSTELAS #MAISSAÚDE” (2019), produzido pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), que ressalta os possíveis efeitos negativos, quando as crianças ficam expostas, em excesso, a aparatos tecnológicos, nos primeiros anos da infância, sendo que os malefícios que estes causam, ocorrem não só nelas, mas também nos adolescentes. Mediante essa constatação, os autores desse manual destacam a responsabilidade que os pais e os educadores têm no sentido de fazer com que os meios tecnológicos sejam usados de forma moderada e “passiva”:

Crianças em idades cada vez mais precoces têm tido acesso aos equipamentos de telefones celulares e *smarthphones*, *notebooks*, além dos computadores que são usados pelos pais, irmãos ou família, em casa, nas creches, em escolas ou mesmo em quaisquer outros lugares

como restaurantes, ônibus, carros, sempre com o objetivo de fazer com que a “criança fique quietinha”. Isso é denominado de distração passiva, resultado da pressão pelo consumismo dos joguinhos e vídeos nas telas, e publicidade de indústrias de entretenimento, o que é muito diferente do brincar ativamente, um direito universal e temporal de todas as crianças e adolescentes, em fase do desenvolvimento cerebral e mental. (SBP, 2019, p. 3).

Após discorrer até aqui sobre várias questões relevantes e pertinentes, relacionadas ao tema desta pesquisa, na próxima sessão, dá-se continuidade a análise dos dados coletados via questionário *on-line*, procurando manifestar as percepções das educadoras infantis entrevistadas, relatando: como foi o trabalho das educadoras, durante o primeiro ano de pandemia; quais foram os desafios enfrentados e quais foram as maneiras encontradas para resolver ou amenizar essas dificuldades; como se reinventaram para lidar com algo nunca imaginado; como foi o relacionamento com as crianças e famílias, através das tecnologias; o uso ou não dos recursos tecnológicos, na Educação, em tempos de pós-pandemia.

4 EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO PANDÊMICO: ANÁLISES E DISCUSSÕES.

A Educação Infantil é considerada a base da Educação, pois é nessa fase que tudo começa. É a primeira etapa da Educação básica, na qual a criança inicia a sua “vida acadêmica”. É também a segunda instituição social em que é inserida, uma vez que a primeira foi a sua família.

As crianças chegam muito pequenas na escola, geralmente, ingressam quando são bebês, com aproximadamente quatro meses de idade, devido ao fato de seus responsáveis terem que retornar ao trabalho. Lamentavelmente, ainda existe uma visão assistencialista sobre a Educação.

Considera-se importante fazer uma breve explicação a respeito do início da Educação Infantil. Conforme Krieger (2008), o surgimento desse nível de ensino ocorreu durante a Revolução Industrial, uma época em que as mães ingressavam no mercado de trabalho, nas fábricas, porém não tinham onde deixar seus filhos, então foram criadas casas em que pessoas cuidavam das crianças, para que suas mães pudessem trabalhar. Depois, essas casas se transformaram em escolas, ou seja, em instituições de ensino. Então, a Educação Infantil foi evoluindo até chegar ao modelo atual.

O objetivo primordial da Educação Infantil é promover o desenvolvimento integral da criança, estimulando sua aprendizagem, bem como o conhecimento sobre si mesma, os outros e o mundo.

Atualmente, o documento que norteia o trabalho pedagógico, nessa etapa educacional, chama-se BNCC. Nele, há uma parte de orientações, específica para a Educação Infantil, a qual está

dividida em faixas etárias, campos de experiências e objetivos de aprendizagem das crianças como um todo.

Segundo a BNCC (BRASIL, 2017), os direitos da criança em relação à aprendizagem e ao desenvolvimento integral são condições cruciais, que devem ser asseguradas, para que a criança aprenda e vivencie diferentes situações, em ambientes variados; exercendo, assim, o seu papel ativo como sujeito de ação – explorando, brincando, convivendo, vivenciando, participando e resolvendo questões para construir significados sobre si, os outros e o mundo que a cerca.

Já os campos de experiências correspondem aos objetivos, saberes e conhecimentos fundamentais, proporcionados à criança, que geram não só aprendizagens, como também o desenvolvimento de uma série de aspectos importantes, tais como: autonomia, comunicação, movimentos e consciência corporal, raciocínio lógico, socialização... Os campos de experiências da BNCC (BRASIL, 2017) são: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

É importante ressaltar que, conforme esse mesmo documento, a criança é a protagonista de todo o processo da sua aprendizagem; já o papel do educador consiste em auxiliá-la, sendo um mediador, no intuito de instigá-la nas suas descobertas e curiosidades. Segundo Oliveira:

A atual etapa [da Educação Infantil] reconhece o direito de toda criança à infância. Trata-a como “sujeito social” ou “ator pedagógico” desde cedo, agente construtor de conhecimentos e sujeito de autodeterminação, ser ativo na busca de conhecimento, de fantasia e da criatividade, que possui grande capacidade cognitiva e de sociabilidade e escolhe com independência seus itinerários de desenvolvimento. A inteligência infantil, sua linguagem e suas formas de representação via desenhos, modelagens, pinturas são cada vez mais valorizadas ... (OLIVEIRA, 2007, p. 81).

No município de Gramado-RS, houve a criação de um documento próprio, tendo como fundamentação a própria BNCC (BRASIL, 2017) e o Referencial Curricular Gaúcho (SEDUC, 2018), para nortear os trabalhos pedagógicos dos educadores, chamado Documento Orientador do Território de Gramado - DOTG (GRAMADO, 2019). O DOTG foi construído por um grupo de professores – da rede municipal, estadual e privada de Gramado – que auxiliou na sua elaboração, de forma coletiva, pensando nas especificidades da Educação Infantil.

Posteriormente, ocorreram discussões sobre esse documento, de como aplicar tais práticas em 2020, porém, em março do mesmo ano, tudo mudou, no país, com a chegada da Covid-19 que, na área da Educação, gerou o fechamento de todas as escolas, incluindo as de Educação Infantil, como uma medida protetiva e sanitária.

Essa pandemia trouxe medo, insegurança e incerteza para as pessoas, fazendo com que elas

refletissem e mudassem vários hábitos e rotinas, devido ao isolamento social. Na área da Educação, as questões funcionais e metodológicas tiveram que ser questionadas e repensadas: como continuar mantendo o vínculo entre a escola e as crianças a distância? Quais estratégias traçar para que as crianças pudessem seguir aprendendo? Como acompanhar e avaliar todo esse processo? Qual a melhor forma de efetivar o trabalho dos docentes para cumprir o calendário escolar?

Após inúmeras discussões, portarias, bem como decretos nacionais, estaduais e municipais, além de cartas da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), no ano de 2020, não houve o retorno presencial da Educação Infantil, no ensino público, devido a vários fatores: o grande número de casos confirmados, a facilidade de contágios, as internações por causa do vírus e não existir previsão de se ter vacina para a população – como uma forma de proteção e combate ao vírus.

Coube, então, às Secretarias de Educação das cidades brasileiras traçarem planos estratégicos, para que a Educação Infantil continuasse “viva” e as crianças não se esquecessem das escolas, assim como para auxiliar as famílias nesse processo.

A Educação Infantil é responsabilidade do município, conforme consta na Constituição Federal (Art. 211, § 2º). E, em Gramado, as determinações foram as mesmas, portanto, as Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIS) foram fechadas. Diante desse quadro, tornou-se necessário criar estratégias para a promoção de vínculo entre escola e comunidade por meio do ensino remoto.

Sobre isso, conforme os resultados da pesquisa realizada com educadores da rede de Educação de Gramado, em relação ao ensino remoto de 2020, foi possível observar como se deu a construção das estratégias nessa manutenção de vínculo e como a utilização de uma nova pedagogia, apoiada no uso das tecnologias, foi desenvolvida.

Almeida (2020) faz explicações relevantes quanto a essa realidade, que foi vivida no Brasil:

A sociedade atual foi impactada pela acelerada disseminação da Covid-19, e os crescentes problemas sociais exigiram transformações no convívio social, na economia e, conseqüentemente, na Educação. Face à multiplicidade de demandas, os professores precisaram, com rapidez e criatividade, encontrar alternativas para o prosseguimento do trabalho iniciado, com o compromisso de oferecer, nas linguagens digitais, experiências pedagógicas que envolvessem os educandos de modo que se conseguisse alcançar os resultados esperados, ou seja, qualidade na aprendizagem. (ALMEIDA, 2020, p. 5).

Na pandemia, os protagonistas, nesse processo de construção, foram os professores ao buscarem respostas e soluções, com o objetivo de aprender e desenvolver uma nova pedagogia, voltada para o digital, utilizando aparatos tecnológicos, no intuito de conseguirem formas diferenciadas de dar aula e de interagir a distância com os educandos.

5 PEDAGOGIA DIGITAL E A UTILIZAÇÃO DE TDICs NA EDUCAÇÃO INFANTIL – OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS DOCENTES.

Infelizmente, embora o mundo esteja vivendo, cada vez mais, a era das tecnologias, inclusive, já bem avançadas, na área da Educação Pública essa modernidade “anda a passos vagarosos”. Além de faltarem muitas máquinas, recursos e ferramentas nos Laboratórios de Informática – às vezes, até tem, entretanto, são aparelhos tão antigos ou redes de *Internet* tão lentas, que pouco são usados – muitos professores não tiveram formação em tecnologias, por isso não conhecem formas estratégicas e eficientes de dar aulas remotas, não sabem fazer vídeos, nem usar plataformas digitais. Devido a essa realidade, fica complicado ensinar os alunos por meio de uma câmera, tela de celular ou *notebook*, pois tudo é muito distante e diferente da maneira de trabalhar, com a qual a maioria dos professores/educadores está acostumada. Segundo Aparici:

Se desejamos estudantes e cidadãos como pensadores autônomos e independentes, é necessário transformar a pedagogia, os modelos de evolução, mas também necessitamos mudar a nossa maneira de pensar acerca da tecnologia, não tratá-la somente como uma ferramenta e sim como um artefato que pode permitir novas formas de aprendizagem e produção de conhecimento. (APARICI, 2009, p. 84).

Cabe mencionar novamente, que a inserção das tecnologias, na área da Educação, é fundamental, todavia, é necessário utilizá-las de modo inteligente e eficaz. As ferramentas por si só não farão grande diferença, a não ser que os educadores as usem com propriedade, gerando interações e aprendizagens de fato.

Ressalta-se que, com a pandemia, os educadores infantis precisaram se “reciclar” e se adaptar às novas necessidades. Dentro desse contexto, a maneira encontrada pelos docentes, para continuarem a manter “vivo” o vínculo entre escola e os educandos, foi por meio do envio de *Sugestões de Vivências Remotas* não obrigatórias, que fossem simples e fáceis de realizar pelas crianças, junto com suas famílias; promovendo, assim, a manutenção do vínculo e as lembranças em relação à escola. Isso fez com que os alunos e seus familiares se sentissem acolhidos pela escola. Mesmo a distância, houve uma preocupação e um cuidado em auxiliar os educandos no seu desenvolvimento, bem como em dar apoio aos responsáveis, ensinando-os a como estimularem as crianças – brincando com as mesmas – e reforçando o quanto a atenção e o afeto fazem toda a diferença na aprendizagem delas. Conforme Silva, Neto e Santos (2020):

[...] é inegável que a presença das tecnologias da informação e da comunicação no cotidiano já vinha refletindo-se na Educação mesmo antes da pandemia, haja visto o uso pedagógico que estava sendo feito de aplicativos de mensagens e de plataformas de comunicação de vídeos. Então, usar tecnologias da informação para manter a interação com os alunos foi umas das opções viáveis neste contexto de pandemia. (SILVA; NETO; SANTOS; 2020, p. 32).

Dando prosseguimento a essa explanação, cabe relatar, de forma mais minuciosa, como os educadores infantis de Gramado procederam, durante o ano de 2020 – primeiro ano da pandemia, no Brasil. Para tanto, serão consideradas as respostas dadas pelas treze educadoras infantis, da rede municipal de Gramado, que preencheram o questionário específico (via Google) para coletar dados para esta pesquisa. Analisando esses dados obtidos, foi possível entender como a Educação Infantil – orientada por uma equipe da SME – conseguiu lidar e atuar no período da pandemia.

Perguntou-se às entrevistadas: *“Como foi possível a construção de vivências remotas, utilizando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Abordagem de Reggio Emilia, em conjunto com as TDICS? Quais foram as facilidades e dificuldades desse processo construtivo e da aplicação do mesmo?”*

Descobriu-se que, durante o período de *Home Office*, os educadores infantis não tiveram cursos destinados ao domínio e aos conhecimentos, voltados para as TDICS, mas, por outro lado, estudaram os documentos referentes à BNCC (2017) e também tiveram uma formação fornecida pela SME, relacionada à Abordagem de Reggio Emilia. Essa abordagem pedagógica, segundo Edwards, Gandini e Forman (2015, p 21), “[...] incentiva o desenvolvimento intelectual das crianças por meio de um foco sistemático sobre a representação simbólica”. Esses autores complementam essa afirmação, explicando o seguinte:

As crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as suas linguagens naturais ou modos de expressão, incluindo palavras, movimentos, desenhos, pinturas, montagens, esculturas, teatro de sombras, colagens, dramatizações e música. (EDWARDS; GANDINI; FORMAN; 2015, p. 21).

Na construção das vivências remotas – elaboradas pelas educadoras de Gramado – foram utilizadas como referência teórica, a BNCC e a Abordagem de Reggio: utilizando diversas tecnologias, de maneira estratégica e pedagógica, para chamar a atenção e envolver as famílias e, conseqüentemente, as crianças.

Conforme as informações colhidas com a pesquisa, as educadoras relataram que procuraram montar e enviar para as famílias vivências simples, que exigiam apenas recursos que elas tinham em suas casas, ou seja, materiais de uso diário. É relevante mencionar que muitas dessas vivências

foram feitas de forma diferente em cada escola, respeitando as necessidades e as condições da comunidade escolar.

A construção das *Vivências Remotas* foi realizada em grupos, divididos por turma e faixa etária. A participação constante dos educadores regentes das turmas foi enriquecendo o trabalho pedagógico, na medida em que foram surgindo várias ideias, tais como: envio de vídeos; *cards* com histórias e sugestões de brincadeiras; *kits* com materiais alternativos, confeccionados pelos docentes e enviados às famílias – chamados de “*Kit Afeto*”. Nesses *kits*, os materiais foram produzidos, de acordo com as propostas educacionais estudadas na época – os conteúdos da BNCC e a Abordagem de Reggio Emilia – com encartes explicativos de como brincar com as crianças, usando essas produções. Além disso, foram enviadas aos familiares, leituras que retratavam sobre fases do desenvolvimento infantil e, às vezes, brinquedos.

Em relação às dificuldades encontradas, as educadoras relataram que o retorno das *Vivências Remotas*, por parte dos responsáveis legais, teve alguns fatores complicantes. Os principais foram os seguintes: alguns não realizavam as vivências; outros não davam *feedback*; em algumas turmas houve pouca participação, sendo sempre as mesmas crianças que faziam as propostas; houve casos de famílias que retornaram os resultados por meio de áudios, fotos e vídeos, como formas de resposta para as educadoras.

Quanto ao ensino remoto, grande parte das informantes consideraram difícil inserir esse tipo de ensino na Educação Infantil. Mesmo havendo os recursos que facilitaram a rotina do professor, o alcance das vivências não atingiu a todos, pois surgiram obstáculos: problemas para ter acesso à tecnologia; famílias que não organizaram suas rotinas, estabelecendo um tempo para se envolverem com as tarefas. Essas foram, inclusive, algumas das causas do pouco retorno.

Outra dificuldade apontada, refere-se aos momentos destinados para a construção das vivências, pensando na Abordagem de Reggio, que tem como princípio partir da simplicidade e do interesse prévio da criança, para fazer o planejamento das propostas pedagógicas. Devido à pandemia, não pode ser feito dessa forma, pois os docentes não tinham contato social presencial com as crianças, portanto, não podiam observar, nem interagir com as mesmas, para saber o que elas tinham vontade e necessidade de vivenciar, explorar e aprender.

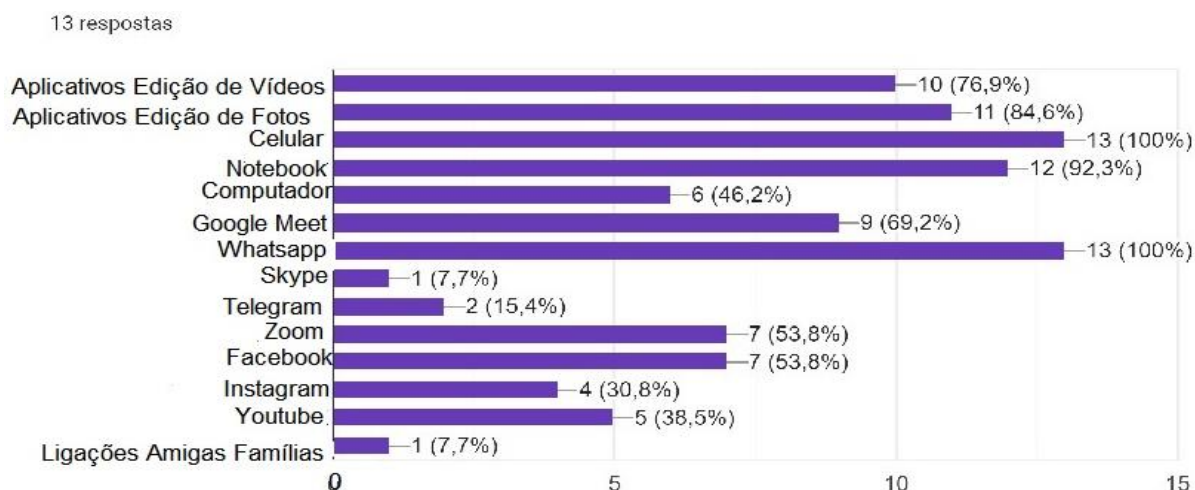
Falta de conexão de *Internet* e de conhecimento quanto ao uso de alguns aplicativos também foram fatores listados que dificultaram o ensino remoto.

Embora tenham sido mencionadas várias dificuldades, por outro lado, algumas educadoras conseguiram montar estratégias de ensino e de comunicação mais eficientes com as famílias e, desse modo, atingiram vários objetivos: mantiveram o vínculo a longa distância; acompanharam o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças; auxiliaram as famílias nesse processo.

Após as informantes detalharem as suas percepções sobre as *Vivências Remotas* propriamente ditas, elas responderam à seguinte questão: “*Quais foram os recursos tecnológicos utilizados por você, Educador (a), para as propostas feitas?*” () *Aplicativos para edição de Vídeos (Filmorago, InShot, VideoShow...)*; () *Aplicativos para edição de Fotos (InShot, PhotoEditor...)*; () *Celular*; () *Notebook*; () *Computador com programas/ aplicativos de comunicação, como: 1- GOOGLE MEET () 2-WHATSAPP () 3- SKYPE() 4- TELEGRAM () 5- ZOOM/ Redes Sociais: () 1- Facebook () 2- Instagram () YOUTUBE () Outros.*

O Gráfico exposto, a seguir, mostra os resultados obtidos:

Gráfico 7: Recursos usados pelos educadores para as *Vivências Remotas* durante a Pandemia.



Fonte: Produzido pela autora desta pesquisa.

Sobre essa pergunta, percebeu-se que as duas ferramentas mais utilizadas por elas foram o celular (100%) e o *notebook* (92,3%). Já quanto aos aplicativos, destacaram-se os de edição de fotos (84,6%) e os de vídeo (76,9%) e também o aplicativo de comunicação Whatsapp (100%), que foi utilizado por todas as entrevistadas, o que faz muito sentido, pois sabe-se que há, no mundo, um número expressivo de pessoas que utilizam, diariamente, esse canal para se comunicarem tanto para fins profissionais como para fins pessoais. No que se refere às redes sociais, a mais utilizada foi o *Facebook* (53,8%), mas, mesmo assim, constatou-se que, sem dúvida, o maior vínculo

comunicativo se estabeleceu via Whatsapp.

Constatou-se que, depois de estudarem e pensarem nas *Vivências Remotas*, as quais foram necessárias devido ao período pandêmico, as educadoras procuraram aprender a utilizar diferentes recursos tecnológicos, que antes desconheciam ou não achavam necessários, quando planejavam as suas aulas.

“*Como foram realizadas as avaliações dos alunos durante o ensino remoto, por meio da utilização das TDICS, nas propostas pedagógicas enviadas?*” Foi a próxima indagação feita ao grupo participante deste estudo.

Sobre essa pergunta, as educadoras revelaram que acharam muito complicado fazer a avaliação das crianças, utilizando as TDICs, principalmente, por causa das seguintes razões: o retorno das propostas enviadas deixou muito a desejar, foi insuficiente; foram poucos os *feedbacks* recebidos – por meio de fotos, vídeos e relatos dos responsáveis; não havia como acompanhar mais de perto o processo de construção de aprendizagem dos indivíduos; foi difícil contar apenas com um documento, dizendo se a criança realizou ou não as vivências.

Em algumas turmas e escolas, as avaliações foram de caráter coletivo, ou seja, fazendo um levantamento do total de vivências recebidas como retorno em relação ao que havia sido enviado. Não houve um olhar individual, analisando criança por criança. Como forma de registrar os resultados, foram elaborados pareceres descritivos específicos para quem participou das vivências, mostrando uma percepção da professora quanto ao material entregue. Já para aqueles que não participaram das vivências, foi escrito um parecer mais geral e que foi padronizado para todos aqueles que se encaixavam nesse quadro.

Vale ressaltar, novamente, que as TDICs foram utilizadas para enviar as propostas e receber as devolutivas, com o objetivo de, assim, conseguir manter vivo o vínculo entre escola e família.

Perguntou-se também às educadoras, “*Como foi o período de trabalho remoto para você? Sua jornada de trabalho foi a mesma que no formato presencial ou o tempo de trabalho aumentou? Como ficou o seu estado físico e mental durante esse período?*”

Notou-se que, para as educadoras, o trabalho *Home Office* foi extremamente árduo e desgastante, uma vez que a quantidade e a jornada de trabalho triplicaram. Elas tiveram que aprender a utilizar recursos e tecnologias por conta própria e de forma rápida. Portanto, sua saúde física e mental foi afetada, o que pôde ser percebido com a manifestação de alguns sintomas e situações traumáticas: crises de ansiedade, pânico, luto pela perda de familiares e amigos para o vírus, o isolamento social, o medo de contaminar-se, entre outros. Muitas profissionais buscaram tratamentos psicológicos, psiquiátricos, alternativos e passaram a usar medicações.

As profissionais relataram que se cobravam em relação às vivências enviadas, pois achavam

que não estavam satisfazendo as necessidades das famílias e, devido a isso, não estavam obtendo retorno das mesmas.

As entrevistadas explicaram, detalhadamente, que realizaram muitas tarefas, as quais sobrecarregaram a jornada de trabalho: pesquisas para a montagem das propostas; construção de materiais coletivos; comunicação com as famílias; participação em reuniões *on-line* com colegas de trabalho e em formações/*lives* da SME; questões burocráticas quanto ao preenchimento do sistema virtual (padronizado para todos os professores do município – Sistema Educaweb).

Comentaram ainda que havia muitas exigências, vindas da SME, porque os educadores em *home office* necessitavam de uma comprovação de que estavam trabalhando. As professoras tinham a sensação de que deviam estar disponíveis 24 horas por dia para as crianças, as famílias das crianças e a escola.

É importante salientar que devido a tudo isso, muitos docentes apoiaram o retorno às aulas de modo presencial, na Educação Infantil, para que, entre outras razões, não continuassem com a grande sobrecarga de trabalho.

6 EDUCAÇÃO INFANTIL PÓS-PANDEMIA – NOVAS METODOLOGIAS, MUDANÇAS QUE VIRÃO E O QUE DEVE SER PRESERVADO NO ÂMBITO PEDAGÓGICO.

Seguindo com a análise dos dados obtidos – com as profissionais que responderam o formulário de pesquisa – questionou-se: *“A pandemia trouxe novas maneiras de ensinar por meio das TDICS, transformando a Pedagogia, antes tradicional, em um modelo de Pedagogia Digital. Você acredita que esse modelo e a utilização dessas tecnologias permanecerão, após o retorno às aulas presenciais, com turno integral e sem ensino remoto? Se sim, quais instrumentos vão perdurar nas práticas pedagógicas (Google Meet, canais no Youtube, cards, Whatsapp, videochamadas...)?”*

Considerando as respostas, foi possível observar que as educadoras refletiram e concluíram que a pandemia trouxe novas maneiras de ensinar por meio das TDICs, pois passaram a utilizar a Pedagogia Digital no seu fazer docente.

Segundo as entrevistadas, os grupos de Whatsapp vão permanecer, porque facilitam muito a comunicação com os pais. O uso de cards e vídeos para as famílias, provavelmente, continuarão também, pois são excelentes meios de divulgação de informação e do trabalho realizado. Outra grande tendência é seguir, via Google Meet, fazendo reuniões entre professores e com a SME, bem como *lives* e cursos por meio das plataformas digitais.

Ainda interligado a essa temática, perguntou-se: *“Você considera aplicável a Pedagogia*

Digital com a utilização das TDICS na Educação Infantil? Por quê?”

Grande parte dos docentes acredita que a tecnologia veio para facilitar e ajudar no processo de ensino-aprendizagem e que está, cada vez mais, ocupando seu espaço no planejamento e na prática dos professores, ou seja, consideram que a Pedagogia Digital permanecerá nos tempos de pós-pandemia.

Ressalta-se que as tecnologias devem ser usadas como ferramentas e como forma de enriquecer a prática pedagógica, mas não podem ser utilizadas de modo excessivo. Conforme a BNCC (BRASIL, 2017) e a Abordagem de Reggio, a criança precisa explorar o mundo e o seu corpo, ter contato com outras pessoas e ambientes, obtendo experiências, para que de fato ocorra uma aprendizagem significativa, bem como o seu desenvolvimento integral como indivíduo.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) lançou, em dezembro de 2019, um Manual de Orientação Sobre o Uso de Telas e *Internet* para Crianças e Adolescentes, com o objetivo de alertar sobre o uso abusivo de telas, uma vez que isso pode gerar o desenvolvimento de transtornos de saúde mental e/ou problemas comportamentais, os quais estão descritos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM5).

Dentre as muitas orientações contidas nesse manual (SBP, 2019, p. 7), optou-se por destacar, neste artigo, as que estão relacionadas à faixa etária que abrange a Educação Infantil:

- 0 a 2 anos: evitar a exposição de telas mesmo que passivamente (sem a intenção);

- 2 a 5 anos: limitar o uso de telas para, no máximo, 1 hora por dia, supervisionado por um adulto;

- 6 anos: limitar o tempo de uso de telas para, no máximo, 2 horas por dia, com a supervisão de um adulto.

Esse mesmo manual dá algumas sugestões para serem realizadas com as crianças, como: brincadeiras e atividades ao ar livre, sem o uso de equipamentos tecnológicos, que ofereçam contato com a natureza e uma conexão maior com o mundo real, com a família, valorizando a convivência. Quando as crianças ficam um longo tempo frente às telas, sem interação social com outras pessoas – podendo estas serem da família ou não – sem a proposta de um brincar genuíno em outros ambientes, privados da exploração de brinquedos e materiais, podem desenvolver atrasos em algumas áreas do desenvolvimento infantil: problemas com a linguagem oral; dificuldades de atenção ou de realizar movimentos motores e/ou sensoriais; distúrbios sociais e/ou emocionais.

Justamente por isso, uma das dificuldades encontradas pelos docentes, foi pensar nas propostas, utilizando as tecnologias, sem que a criança ficasse exposta a telas em demasia, respeitando o que o referido manual orienta. Então, as soluções encontradas consistiram em fazer

vídeos curtos e criar cards, contendo orientações para as famílias de como brincarem e estimularem seus filhos de modo saudável. Assim sendo, os adultos foram incentivados a desenvolver com as crianças as vivências remotas enviadas. Os educadores infantis tinham como meta principal incentivar as famílias a brincarem com as crianças (preferencialmente, ao ar livre, caso houvesse a possibilidade), para que os pais tivessem mais momentos de interação com elas e também conversassem mais, dando-lhes carinho e atenção.

As educadoras entrevistadas acreditam que, por meio do uso das tecnologias, podem ficar mais próximas da comunidade, atingindo primeiro os adultos para, posteriormente, refletir nas crianças. Elas consideram relevante o envio de materiais de leitura para as famílias, retratando sobre o desenvolvimento infantil, a importância do brincar heurístico, o uso em excesso de telas na primeira infância... Isso não só fornece informações importantes aos pais como também acaba por auxiliar a criança no seu desenvolvimento como um todo – nas suas dificuldades e potencialidades.

Acredita-se que é essencial, na Educação Infantil, dar prioridade para as atividades totalmente lúdicas, pensadas nas crianças, como a contemplação e exploração da natureza e de seus recursos, brincando livremente e tendo espaço para criar, socializar, verbalizar as suas emoções e experiências, realizar descobertas, trocar saberes consigo, com o outro e com o ambiente. De acordo com essa perspectiva, a tecnologia deve ser um instrumento e não a protagonista. Ela é mais uma forma de ensinar e aprender, que traz consigo a chance de compartilhar, a longas distâncias, vivências, experiências, opiniões e aprendizados.

Aprofundando as reflexões, fez-se a próxima indagação às docentes entrevistadas: *“A geração atual de crianças é considerada uma “GERAÇÃO DIGITAL”, por ter contato maior com as tecnologias. Com a chegada da pandemia, as crianças ficaram muito mais expostas às mesmas. Pensando nas questões pedagógicas, como o desenvolvimento motor, cognitivo, socioemocional, comunicação verbal e não-verbal, na sua opinião como EDUCADOR (A), como as crianças foram afetadas?”*

Em relação a essa questão, as professoras que colaboraram com esta pesquisa, revelaram que já é possível, sim, observar como as crianças foram afetadas pelo excesso do uso das tecnologias, no período pandêmico, uma vez que manifestaram – muito provavelmente como consequência disso – alguns distúrbios, tais como: atrasos motores; entaves de comunicação; dificuldades de socialização; falta de interesse pelos brinquedos e pelas explorações sensoriais; pouco tempo de concentração, em momentos simples, como ouvir histórias e na hora da alimentação; problemas para lidar com suas frustrações e imposição de limites.

Quando é usada por um tempo abusivo, a tecnologia acaba por ser viciante e limita o imaginário da criança. Além disso, nos seus primeiros anos de vida, é de extrema importância a

interação social e a troca de afeto para o seu desenvolvimento e aprendizagem. A criança precisa que os adultos conversem com ela, cantem músicas de ninar, contem histórias antes de ela dormir, entre outros gestos de acolhimento que lhe dão amor e atenção. Entende-se, portanto, que simplesmente dar uma tela para que ela se acalme ou se distraia e “não incomode” é um ato totalmente equivocado. Conforme Lopes *et. al.*:

Na fase de 0 a 6 anos, é fundamental ficar bem atento ao tipo de afeto que oferecemos às crianças, bem como os modos com elas dão significados às relações estabelecidas com e por elas. Desde o nascimento, as condições materiais e afetivas de cuidados são marcantes para o desenvolvimento saudável da criança. É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, por toques e olhares, que a criança construirá sua identidade e será capaz de rerepresentar o mundo, atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos, valores sobre a vida, o belo, o bom, o mau, o feio, entre outras coisas, começam a se construir nesse período. (LOPES *et. al.*, 2011, p. 174).

Outro ponto que apareceu nos resultados da pesquisa, relacionado ao uso excessivo das tecnologias e da *Internet*, refere-se ao consumismo, pois as crianças, ao verem comerciais repetitivos e persuasivos de certos objetos de desejo ou brinquedos, acabaram recebendo estímulos negativos e muitas delas passaram a ter posturas inadequadas, pressionando os pais para efetivarem determinadas compras, porque queriam aquele produto que viram na tela.

Pensando na época da pandemia e nas evidências que ela trouxe, algo muito importante acabou sendo ressaltado, o quanto os professores/educadores foram agentes criativos, inovadores e construtores em uma época tão difícil. Então, no pós-pandemia, é essencial lembrar disso e, no intuito de priorizar a qualidade na Educação, considerar a real visão do docente – que é quem está em sala de aula – sempre que forem pensadas e elaboradas propostas didáticas, currículos e políticas públicas.

Levando esse cenário em conta, por último, perguntou-se às colaboradoras desta pesquisa o seguinte: “*O que você acha que falta ou deve ser mudado na Educação pós-pandemia?*”

Conforme as opiniões dessas educadoras – que enfrentaram a pandemia e o ensino remoto, inovando-se e aprendendo muito, mediante várias reflexões e ações que precisaram ser tomadas, ajustadas e avaliadas – as iniciativas fundamentais para os próximos tempos que virão, na Educação Pós-Covid 19, são as seguintes:

- Valorização dos professores/educadores.
- Investimento na estrutura física das escolas, assim como em aparatos tecnológicos.
- Cursos de formação para docentes em tecnologias.

- Implementação de estratégias didáticas inovadoras, revendo o processo educativo.

- Valorização do contato com a natureza e com os materiais não estruturados, promovendo mais momentos específicos para essas experiências.

- Adoção de protocolos sanitários possíveis de serem cumpridos e pensados para os profissionais da Educação.

- Continuação dos encontros, para fins de estudo, com outros profissionais da Educação, inclusive de outros lugares do Brasil, por meio de plataformas digitais.

- Organização de momentos para que os profissionais da Educação repensem Leis e Políticas Públicas, que devem ser mudadas ou até criadas, pensando na realidade docente em sala de aula.

- Conscientização sobre a importância de respeitar a individualidade de cada criança, pois cada uma é diferente e tem o seu tempo de adaptação e aprendizado.

- Mudança quanto à visão assistencialista que há em relação à Educação Infantil, que deve ser considerada, SIM, como um ambiente de aprendizado e crescimento; mas JAMAIS como um lugar do tipo DEPÓSITO, em que os pais colocam seus filhos para irem trabalhar, com salas abarrotadas de crianças, que ultrapassam o número adequado por m², com falta de recursos e de estrutura física para melhor atendê-las.

Por mais que haja o contexto histórico, essa visão de assistencialismo, ainda muito presente nesse nível da Educação, deve ser eliminada em definitivo. A Educação Infantil é a base de tudo, é o início da educação formal do indivíduo. Esse pensamento deve ser mudado não somente por parte dos responsáveis e da comunidade escolar, mas também por parte dos governantes municipais e das Secretarias de Educação, que precisam ter o devido olhar, dando mais atenção e valorizando, realmente, esse nível de ensino. As escolas de Educação Infantil são lugares de desenvolvimento de valores, de vivências que levam às aprendizagens, em que seus profissionais assumem diversos papéis em prol de auxiliar as crianças no seu desenvolvimento, formando cidadãos pensantes e que serão o futuro da sociedade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Covid-19 afetou toda a sociedade e todos os níveis de ensino de diferentes maneiras e, na Educação Infantil, foi ainda mais complicado, porque esta teve que se reinventar totalmente e de forma muito rápida, tentando pensar no bem-estar das crianças e de suas famílias.

A pandemia, porém, também mostrou o real papel da escola e o impacto que ela tem no sistema social, político, econômico, enfim, na vida de todas as pessoas. A respeito dessa afirmação, Gonçalves e Filho fazem uma importante explicação:

[...] a pandemia provocada pela Covid-19 veio demonstrar a centralidade da escola como agência de guarda, proteção e formação nas complexas sociedades contemporâneas. Mais do que isso, temos hoje a demonstração cabal de que a escola cumpre um papel central não apenas no governo da população, mas na estruturação do conjunto do mundo social, aí incluídas as dimensões políticas, econômicas e culturais. (GONÇALVES; FILHO, 2021, p. 11).

Após realizar várias leituras e analisar os dados obtidos, relacionados ao tema em estudo, foi possível constatar que houve uma grande preocupação por parte dos educadores com o ensino remoto, no sentido de pensar nas especificidades dos alunos, conforme suas faixas etárias, e em como construir o vínculo com as famílias/responsáveis pelas crianças.

Esse contexto que se instalou fez com que os educadores infantis ficassem horas pesquisando e estudando, que realizassem aprendizagens por conta própria para conseguirem utilizar as mais diferentes tecnologias, aplicativos, redes sociais e também para saberem formatar vídeos e *cards*. Assim sendo, esses profissionais acabaram sobrecarregados, pois ultrapassaram muito a sua jornada de trabalho normal, no sistema *home office*, o que gerou desgaste físico, emocional e mental, prejudicando sua saúde.

As educadoras entrevistadas chegaram à conclusão de que a Pedagogia Digital com a utilização de TDICs veio para ficar. Entretanto, as maneiras de utilizar essas tecnologias precisam ser repensadas, para que sejam eficazes, em termos de aprendizagens e de interações, mas, ao mesmo tempo, bem dosadas, respeitando, inclusive, o tempo que as crianças podem ficar na frente das telas, sem serem prejudicadas. Justamente, por isso, é tão relevante a oferta de cursos que possam instrumentalizar melhor os docentes, dando a eles noções mais precisas e consistentes sobre o uso desses recursos, para que sejam usados de modo estratégico, para fins educacionais, com qualidade e eficácia.

As informantes desta pesquisa sugeriram, com muita coerência, que as formações, além da temática voltada para as tecnologias, envolvessem outros assuntos, tais como: metodologias para serem empregadas na Educação Infantil; estudos sobre a BNCC; Características e interesses de cada faixa etária atendida; entre outros. Contudo, houve uma ressalva: que essas formações não

sejam somente teóricas, mas que tragam ideias e experiências de atividades para serem aplicadas no cotidiano escolar, enriquecendo e aperfeiçoando ainda mais as práticas pedagógicas.

Considerando esse cenário, as educadoras demonstraram uma grande preocupação em como fazer para recuperar e estimular – da melhor maneira possível – as crianças que apresentaram atrasos em seu desenvolvimento, devido a vários fatores, entretanto, em especial, à grande exposição às tecnologias. Elas sugeriram ainda que se realizasse uma pesquisa em rede, para fazer um levantamento dos casos nas escolas, com o objetivo de estabelecer parcerias com a Secretaria da Saúde, para dar um atendimento adequado a essas crianças. Além disso, consideraram importante que, nesses atendimentos, orientem os pais ou responsáveis sobre como podem auxiliar seus filhos em casa, para que eles se sintam acolhidos, amados e acompanhados.

Uma forma de promover a interação e a companhia familiar, pode ser feita, simplesmente, por meio de uma brincadeira ou atividade em família, como: contação de histórias, pega-pega, jogos com bolas, bonecas... Isso pode parecer algo básico, mas tem resultados significativos. Outra iniciativa que deve ser feita com as crianças, uma vez que produz efeitos muito favoráveis, é conversar com elas sobre suas dúvidas, medos e angústias, auxiliando-as sempre que for necessário.

Essa postura é fundamental para lembrar qual é o papel da família na vida da criança, para que nem tudo fique sobrecarregando a escola e os profissionais que nela trabalham; fortalecendo não só o vínculo entre a comunidade e a instituição escolar, como também contribuindo para desmistificar a visão assistencialista que persiste em relação à Educação Infantil.

Vale ressaltar, aqui, sem dúvida, a valorização do profissional docente, que já antes da pandemia, não raro, era desvalorizado. Sabe-se que, muitas vezes, o professor cumpre determinadas tarefas que, na realidade, são de responsabilidade da família. Os professores/educadores, com certeza, fizeram o seu melhor, abriram mão, com frequência, de seus próprios interesses e medos para priorizar o atendimento aos alunos e seus familiares. Sofreram com sobrecarga de trabalho, doenças, lutos, mas não deixaram de cumprir o seu papel docente, com dignidade e dedicação. Mesmo assim, foram alvos de críticas, pois algumas pessoas da comunidade se encarregaram de espalhar frases lamentáveis como essa, por exemplo: “os professores estão gostando de ficar em casa sem fazer nada”. No entanto, sabe-se que foi bem o contrário, trabalharam mais do que nunca e sob pressão.

Seguindo com as considerações finais, é pertinente mencionar uma alerta a respeito das questões da Educação Infantil, feito por Nunes e França:

[...] é necessário maior investimento na Educação Infantil, com políticas de valorização

profissional e formação continuada que contribua com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizado da infância, aquisição de recursos tecnológicos mais atualizados, maior suporte técnico, entre outros. Isso é necessário, visto que as tecnologias não podem ser utilizadas com um fim em si mesmas, mas para potencializar o processo de ensino-aprendizagem com a produção e construção de conhecimentos. (NUNES; FRANÇA, 2018, p. 69).

Outro ponto essencial a ser reforçado é que a criança é a protagonista no processo de ensino-aprendizagem, sendo necessário, portanto, que brinque, explore, tenha curiosidade sobre o mundo REAL que a cerca, afinal, mesmo estando inserida na “Era Digital”, ela terá tempo de sobra para explorar as tecnologias, pois existem evoluções e mudanças todo tempo.

Acredita-se que a interação social presencial faz toda a diferença na aprendizagem do indivíduo infantil, justamente, por isso, o docente sente muita necessidade de observar e de acompanhar todo esse processo ao vivo e a cores, não somente por uma tela ou um aplicativo.

Cabe destacar que a primeira infância é só uma para cada indivíduo, então, precisa ser aproveitada ao máximo, seja brincando de fazer bolo de barro, subir numa árvore, brincar na chuva, sentir o cheiro de uma flor, degustar o sabor da jabuticaba, escutar o canto do sabiá, perguntar como o beija-flor bate as asas tão depressa... Enfim, todas essas vivências simples são PEDAGÓGICAS e essenciais para que a criança aprenda e se prepare para a vida adulta. Agora, é “correr atrás” do tempo perdido, procurando aprender com tudo o que ocorreu, proporcionando vivências significativas para os alunos, bem como ajudando-os a superarem possíveis lacunas. Nem a pandemia, nem a tecnologia pode tirar o esplendor e a maravilha que é ser criança! No seu modo de ser, simplesmente, CRIANÇA.

Não há nada mais gratificante para um educador infantil que acompanhar o crescimento e conviver com esses “pequenos seres” tão especiais! Tão singulares! “Pequenos seres” que ensinam, frequentemente, “grandes lições”, sendo exemplos de amor, de afeto e de humanidade. São eles que dão vida e sentido ao fazer pedagógico!

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria Claudice Rocha. **Práticas Pedagógicas Mediadas por Tecnologias Digitais em período de pandemia**. Revista Docência no Ensino Superior, Belo Horizonte, v.10, 2020, p. 1-20.

APARICI, Roberto. **Pedagogia Digital**. Revista Educação & Linguagem, v. 12, nº19, p. 80-94, JAN-JUN. 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, 2017.

BRASIL. **Constituição Federal, Art. 211, § 2**, 1988. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10649293/paragrafo-2-artigo-211-da-constituicao-federal>

de-1988>. Acesso em: 12 dez. 2021. EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila.

FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Penso Editora, v.1, 2015.

GIL, Carlos, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2017.

GONÇALVES, Irlen Antônio; FILHO, Luciano Mendes e Faria. **Tecnologias e Educação Escolar: A escola pode ser contemporânea do seu tempo?**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 42, 2021, p. 1-14.

GRAMADO. **Documento Orientador do Território de Gramado**. Secretaria Municipal de Educação de Gramado-RS, 2019.

JÉLVEZ. Julia Alejandro Quezada. **História da Educação**. In **Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil**. Org. Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Curitiba: Ibpx, 2008.

KRIEGER, Maria da Graça Taffarel. **A História da Educação Infantil**. In **Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil**. Org. Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Curitiba: Ibpx, 2008.

LOPES, *et. al.*. **O desafio das TIC na Educação Infantil**. Revista Pandora Brasil, nº 34, SET 2011, p. 170-184.

MACHADO, Amália. **O que é pesquisa qualitativa?**. 2021. Disponível em: <<http://academicapesquisa.com.br/post/o-que%C3%A9-pesquisa-qualitativa>>. Acesso em: 26 mai. 2022.

MALAGUZZI, Loris. História, idéias e filosofias básicas. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre; Artmed, 1999.

NUNES, Héliida Cristina Brandão; FRANÇA, Robson Luiz de. **As possibilidades e os limites das tecnologias na Educação Infantil: um olhar sobre as teses e dissertações dos anos 2006 a 2016**. Revista Paradoxos, nº1, v. 3, JAN-JUN. 2018, p. 62-73.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PUJOL, Leonardo. **Quem foi Loris Malaguzzi, o criador da abordagem Reggio Emilia**. 2020. Disponível em: <<http://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/malaguzzi-100-anos/>> Acesso em: 15 mai. 2022.

SILVA, Ellery Henrique Barros da; NETO, Jerônimo Gregório da Silva; SANTOS, Marilde Chaves dos. **Pedagogia da Pandemia: Reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social**. Revista Latino - Americana de Estudos Científicos, v. 1, nº 4, JUL-AGO. 2020, p. 29-44.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação #MENOSTELAS #MAIS SAÚDE**. 2019, p. 1-11.

